Lição 6: Unidade genérica, específica e numérica do movimento

695. Após estabelecer algumas definições a serem usadas posteriormente, o Filósofo agora passa a discutir a unidade do movimento e a contrariedade dos movimentos.

Primeiro ele trata da unidade e diversidade do movimento;

Em segundo lugar, da sua contrariedade, que é um tipo de diversidade, L.8,

Sobre o primeiro ele faz três coisas:

Primeiro mostra como o movimento é dito genericamente uno;

Em segundo lugar, como é especificamente uno, em 697;

Em terceiro lugar, como é numericamente uno, em 699.

696. Diz portanto (515) que há várias maneiras pelas quais um movimento é uno, assim como o próprio uno tem muitos sentidos: i.e., genérico, específico e numérico. Um movimento é dito genericamente uno segundo os diferentes predicamentos. Pois todos os movimentos que são atribuídos a um mesmo predicamento podem ser chamados genericamente unos; assim, todo movimento local é um movimento genérico uno, porque cada um está no predicamento onde, e difere genericamente da alteração, que está no predicamento qualidade, como foi dito acima.

697. Então em (516) ele mostra como os movimentos são especificamente unos.

Primeiro ele mostra isso;

Em segundo lugar, ele levanta uma questão, em 698.

Diz portanto primeiro (516) que um movimento é chamado especificamente uno quando, além de ser genérico uno, ocorre também em uma espécie incapaz de subdivisão. Pois algumas espécies podem ser subdivididas em outras espécies, como a cor, que é uma espécie da qualidade, é capaz de diferenças que geram subespécies. Logo, movimentos relativos à cor podem ser diversos em espécie, como o branqueamento e o enegrecimento; mas todos os casos de branqueamento são especificamente os mesmos (assim como todos os casos de enegrecimento o são), pois não há

subespécies de branqueamento.

Mas quando acontece que a espécie é ao mesmo tempo um gênero, então os movimentos encontrados em uma espécie subalternada são qualificadamente unos, embora, estritamente falando, não sejam da mesma espécie. Assim, a ciência é uma espécie de conhecimento, bem como um gênero dos vários tipos de ciência. Logo, toda doutrinação, que é um movimento em direção à ciência, é em certo sentido especificamente a mesma, embora, estritamente falando, não o seja, pois a doutrinação pela qual a gramática é ensinada é absolutamente diferente em espécie daquela pela qual a geometria é ensinada.

Agora deve-se observar que no que precede o Filósofo baseou a unidade e diversidade do movimento nos gêneros e espécies nos quais o movimento pode ocorrer, porque o movimento é de certa forma reduzido ao gênero no qual o movimento está.

698. Então em (517) ele levanta uma questão sobre o que precede: Se um movimento é especificamente uno e o mesmo quando a mesma coisa muda frequentemente do mesmo para o mesmo, e.g., quando um ponto (segundo os geômetras que imaginam que um ponto pode ser movido) muda repetidamente deste lugar para aquele. Ora, segundo o que precede, parece que a resposta deveria ser Sim. Pois se todos os movimentos que tendem à mesma espécie, e.g., brancura, são especificamente os mesmos, com muito mais razão dois movimentos da mesma origem para o mesmo término deveriam ser especificamente unos. Mas se fosse assim, seguir-se-ia então que um movimento retilíneo é especificamente o mesmo que um movimento circular. Pois é possível passar deste lugar para aquele por meio de um movimento circular, i.e., descrevendo um arco, e depois seguindo em linha reta. Da mesma forma, seguir-se-ia que nos movimentos dos animais, andar (que é em linha reta) seria especificamente o mesmo que girar, que consiste em rodar-se em círculos.

No entanto, ele responde a esta dificuldade à luz do que precede. Pois foi decidido que se aquilo no qual o movimento ocorre é especificamente diferente (como no presente caso o caminho circular é especificamente diferente do reto), o próprio movimento também é diferente. Consequentemente, para que dois movimentos sejam especificamente os mesmos, não apenas o objetivo deve ser especificamente o mesmo, mas também aquilo através do qual o movimento passa. Ora, é claro que uma linha reta é especificamente diferente da curva. Consequentemente, um movimento circular e um retilíneo, bem como andar e girar, não são especificamente os mesmos, mesmo que tendam ao mesmo objetivo, porque os caminhos não são especificamente os mesmos.

Mas se os objetivos são idênticos e os caminhos especificamente os mesmos, então os movimentos são especificamente os mesmos; e muito mais ainda, se os objetivos e o caminho são numericamente os mesmos, os mesmos movimentos repetidos serão especificamente os mesmos.

699. Então em (518) ele estabelece a terceira maneira pela qual um movimento é dito uno; a saber, numericamente. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro explica quando um movimento é numericamente uno;

Em segundo lugar, ele levanta algumas questões sobre este ponto, em 700.

Ele diz, portanto, primeiro (em 516) que, nos dois primeiros sentidos, os movimentos não são uno de modo absoluto, mas são uno apenas em certo sentido, isto é, em gênero e espécie. Mas, no terceiro sentido, um movimento é uno de modo absoluto, isto é, quando é numericamente uno em sua essência.

Qual movimento é uno dessa forma ficará claro se distinguirmos as coisas necessárias para o movimento: pois, numericamente, há três coisas das quais depende a unidade de um movimento: primeiro, o sujeito que está sendo movido; segundo, o gênero ou espécie do movimento; terceiro, o tempo em que o movimento ocorre. E ele explica cada um desses individualmente.

Um sujeito do movimento é necessário porque, em todo caso de movimento, deve haver algo que está sendo movido, como um homem, ouro ou algum corpo. Da mesma forma, o sujeito deve ser afetado por algum gênero ou espécie de movimento, como lugar ou uma qualidade passível. Novamente, o tempo deve ser considerado, porque tudo que é movido é movido no tempo.

Agora, entre essas três coisas, a unidade genérica ou específica do movimento pode depender da coisa na qual há movimento; por exemplo, do lugar ou da qualidade. Mas o tempo não responde pela unidade genérica ou específica do movimento, pois há apenas um tempo específico; em vez disso, ele responde pela continuidade do movimento, isto é, que ele flui sem interrupção.

Mas a unidade do movimento, no sentido de unidade absoluta, depende de todas as três. Pois aquilo em que o movimento existe deve ser uno e indivisível da maneira como uma espécie incapaz de subdivisão adicional é dita ser una. Além disso, o tempo durante o qual o movimento ocorre deve ser contínuo, sem quaisquer interrupções. Terceiro, o sujeito em movimento deve ser uno.

No entanto, há dois tipos de unidade do sujeito que não são suficientes para garantir que o movimento seja absolutamente uno. O primeiro tipo é acidental: por exemplo, Córisco e branco são acidentalmente unos, mas o movimento próprio de Córisco não é o mesmo que o movimento próprio do branco. Pois o movimento próprio do branco é tornar-se preto, e o movimento próprio de Córisco é andar; e esses são diferentes. O segundo tipo é a unidade genérica e específica. Pois, para que um movimento seja numericamente uno, não é suficiente que o sujeito seja uno como algo comum, seja genérica ou especificamente. Pois é possível que dois homens estejam sendo curados durante o mesmo período de tempo em relação à mesma coisa; por exemplo, de inflamação no olho, de modo que o tempo seja uno e a espécie de movimento seja una, e o sujeito seja uno em espécie. No entanto, essas duas curas não são numericamente unas, mas apenas especificamente.

700. Então, em (519), ele levanta uma questão. E sobre isso, ele faz três coisas:

Primeiro, ele menciona o que, à primeira vista, parece ser um movimento numericamente uno;

Segundo, ele levanta uma questão sobre isso, em 701;

Terceiro, ele dá a verdadeira solução, em 702.

Ele diz, portanto, primeiro (519) que é possível que um móvel, por exemplo, Sócrates, seja alterado em dois tempos diferentes em relação à mesma doença específica, por exemplo, se ele é curado duas vezes de inflamação no olho. Essa cura repetida será, à primeira vista, um movimento numericamente uno, se a saúde adquirida for numericamente a mesma em ambos os casos. E isso será assim se for possível que aquilo que deixou de ser venha a ser novamente como a mesma coisa numérica — o que parece impossível. Pois a saúde adquirida após a primeira alteração foi posteriormente perdida, e a mesma saúde numérica não pode ser recuperada.

Mas parece que, se a mesma saúde numérica fosse recuperada, a segunda alteração seria numericamente o mesmo movimento que o primeiro; enquanto, se a mesma saúde numérica não for recuperada, o movimento não será numericamente o mesmo, mas especificamente.

701. Então, em (520), ele levanta outra dificuldade sobre este ponto. É esta: se alguém persevera continuamente na saúde ou em qualquer outro acidente, poderia a saúde, ou qualquer outro hábito ou paixão nos corpos, ser una? Parece que não, porque certos filósofos acreditam que todos os sujeitos que possuem certas qualidades ou hábitos estão em movimento e fluxo contínuos.

Se, portanto, no caso de uma pessoa que permanece saudável, há uma e a mesma saúde ao amanhecer, ao meio-dia e à noite, parece não haver razão para que, no caso de uma pessoa que adoece e depois se recupera, a saúde recuperada não seja numericamente a mesma que a possuída anteriormente.

Aristóteles não resolve esta questão: primeiro, porque não é pertinente, já que pertence à metafísica, cuja jurisdição é considerar o uno e o múltiplo, o mesmo e o diverso; e, segundo, porque essa dificuldade é baseada na suposição falsa de que todas as coisas estão em um estado de mudança e fluxo contínuos, como Heráclito acreditava — uma opinião que Aristóteles refuta na Metafísica IV. Além disso, os dois casos não são os mesmos: pois, enquanto a saúde permanece, apesar das flutuações no grau, a saúde original não é interrompida, como no caso de alguém que perde completamente sua saúde.

702. Então, em (521), ele determina a verdade em relação ao caso mencionado em 700. Pois ele mencionou ali que, se é a mesma qualidade que é recuperada, a segunda alteração será numericamente o mesmo movimento que o primeiro; se a mesma qualidade numérica não for recuperada, então não é o mesmo ato numericamente.

Tendo apresentado uma certa dificuldade como que dando uma razão para o que foi estabelecido acima, ele acrescenta que a razão para levantar a dificuldade foi que, à primeira vista, parecia que o mesmo argumento valeria para a unidade da qualidade e do movimento.

Mas há uma diferença: pois segue-se que, se dois movimentos são os mesmos na maneira pela qual um movimento é dito numericamente uno, então o hábito, isto é, a qualidade, adquirida pelo movimento é una; porque a mesma qualidade numericamente é produzida por um ato numericamente uno. No entanto, se a qualidade que retorna é una, nem todos concordariam que o ato é uno; pois, se o término de dois movimentos é numericamente uno, isso não significa que os movimentos eram numericamente unos. Isso é evidente no movimento local. Pois, quando uma pessoa interrompe sua caminhada, o ato de andar cessa; mas, quando ela retoma, o ato retoma.

Agora, se você dissesse que toda a jornada é um ato de andar que cessa de ser e depois é revivido, então seguiria que uma e a mesma coisa pode existir e deixar de existir várias vezes — o que é impossível. Da mesma forma, se a mesma saúde numérica é repetidamente recuperada, não se segue que a segunda cura foi o mesmo movimento que a primeira, assim como uma segunda caminhada não é a mesma que a primeira, mesmo que ambas vão em direção ao mesmo objetivo numérico.

Finalmente, ele conclui que essas dificuldades estão fora da presente investigação e, por essa razão, devem ser deixadas de lado.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:31:47 by Admin
Updated 1 October 2026 23:48:01 by Admin